

CORDEL

Tipo de poesia popular originalmente oral e depois impressa em folhetos rústicos, expostos à venda pendurados em cordas. Explora a rima, e alguns poemas são ilustrados com xilogravuras. As estrofes mais comuns são as de dez, sete ou seis versos. Os autores recitam esses versos de forma quase cantada, acompanhados de violão. Embora pouco freqüente, há também criações em prosa.

A literatura de cordel começa com o romanceiro luso-espanhol da Idade Média e do Renascimento. O nome cordel vem da forma de venda desses folhetos em Portugal, onde são pendurados em cordões, lá chamados de cordéis. No início, eles contêm peças de teatro, como as de Gil Vicente (1465-1536?). Os portugueses trazem o cordel para o Brasil na segunda metade do século XIX. Hoje, muitos folhetos ficam expostos em balcões ou tabuleiros.

Os temas incluem fatos históricos e do cotidiano, lendas, episódios religiosos, aventuras marítimas, de amor, de guerra e escândalos sociais. As façanhas do cangaceiro Lampião e o suicídio do presidente Getúlio Vargas são alguns dos assuntos de cordéis de maior tiragem. É comum os autores criarem seus versos de improviso diante de um acontecimento ou pessoa a quem queiram homenagear.

No Brasil o cordel é produção típica do Nordeste, sobretudo de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará e de Alagoas. Costuma ser vendido pelos autores em mercados e feiras. Em outros estados é encontrado em feiras de produtos nordestinos. Nos grandes centros já há impressões mais sofisticadas. Os folhetos são feitos em computador, com capas coloridas, ilustrações mais bem-cuidadas e tiragens maiores. Mas, de modo geral, a produção está em declínio.

Entre os principais autores estão Leandro Gomes de Barros (1865-1918), João Martins de Athayde (1880-1959), Rodolfo Cavalcante e Cordeiro Manso. Da nova geração destacam-se Minelvino Francisco Silva, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré, José Alves Sobrinho e Valeriano Félix dos Santos, entre outros.

João Cabral de Melo Neto

Poeta pernambucano (6/1/1920-9/10/1999). Considerado um dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Nasce no Recife e estuda direito, ingressando a seguir na carreira diplomática. Em 1942 publica seu primeiro livro, *A Pedra do Sono*, no qual já revela seu estilo de construção dos versos com extremo rigor formal. O primeiro posto no exterior, em Barcelona, na Espanha, para onde vai em 1945, interfere em sua escrita poética ao aproximá-lo do realismo espanhol. Como diplomata, serve mais de seis vezes nesse país, além de viver nos Estados Unidos e em outras nações da Europa e da Ásia. A partir do poema *O Cão sem Plumas* (1950), passa a se ocupar de temáticas sociais, como acontece com diversos escritores brasileiros durante as décadas de 50 e 60. Sua poesia reflete as raízes populares das quadras, das trovas e da literatura de cordel. Sua obra mais conhecida é *Morte e Vida Severina* (1967), adaptada em 1968 para o teatro e outras vezes para a televisão. Aposenta-se do Itamaraty em 1990, ano do lançamento de *Sevilha Andando*. Em 1992, começa a sofrer de cegueira progressiva, doença que o impede de ler e o leva à depressão. Lança o livro *João Cabral de Melo Neto – Obra Completa* dois anos depois. Morre de parada cardíaca no Rio de Janeiro.